

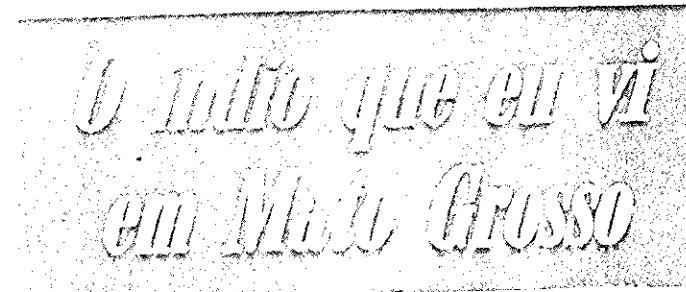
Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Class.: RKR 600

Data: entre junho e agosto / 1959

Pg.3



(9.^o de uma série)

INDIO "BRADO" NO JURUENA

Em princípios de 1956, correu em Cuiabá a notícia de que os seringueiros do rio Juruena e uma nova tribo de índios antropófagos e numerosos, estavam tendo encontros sangrentos e desumanos, nas margens daquele rio.

O provocador do conflito era, na verdade, o civilizado, embora a maioria dos particulares envolvidos, não tivesse a consciência disto, e muito menos, provavelmente a intenção de agir assim. A solução violenta seria indigna. Por isto, surgiu a ideia de uma tentativa sistematizada de uma pacificação para pôr termo a um estado de coisas, que afinal, não era senão um enorme equívoco.

Ajudado por algumas colonizadoras, o Jesuíta João Evangelista Dornstaedter, missionário entre os índios do centro norte de Mato Grosso, enerontou a empresa patriótica, cristã e sacrificada da pacificação dos índios canoeiros. Acompanhado de três índios mansos: José Mairerú, Sebastião Tacapeirona, Caiabis, e Tupin, Iranche, Padre João viajou para o rio Juruena.

PRIMEIRO ENCONTRO

Dias depois, a comissão pacificadora estava em pleno habitat dos índios canoeros. Escreve o Padre João Evangelista: «Enfia na frente, trazendo a senda da pacificação sobre o peito, que era uma pequena cruz vermelha em fundo branco. De repente, percebi um movimento, e no meio da folhagem, pessoas que tiravam embira. Assunha uma moça na ilhéia do grupo. Pensei pelo mal que fosse um moço, porque carregava arco e flecha. Parou e o olho espantado. Então enhei, andei e logo acudiu aí, que andava atrás de mim, com a fala calabri: «Não viemos para brigas. Queremos conversar. Trouxemos facetas bonitas para vocês. Que vá chamar o capitão. A resposta foi uma fileira branca de dentes. As mulheres que ficavam um pouco mais atrás, flearam esfarreidas e começaram a puxar pelo moço ou moça que era. Até que todos eles viram as costas e se sumiram correndo pelo caminho.

Resolvemos ir atrás delas rapidamente, pois a aldeia devia estar perto e estávamos com a mão na massa. E de fato, em poucos minutos alcançamos um tapir no meio do mato, com um pequeno ferreiro na frente. A fumaça não ia estando saíndo pelas palhas. Não observamos movimento algum. Seu Sebastião, abraçado com sua catraca, viu um índio amotado, e observando nossa chegada

FRENTE A FRENTE COM OS ÍNDIOS CANOEIROS

Índio "brado" no Juruena – Primeiro encontro – Ái vem outro – Trazia taquaras cheias de sangue – Virou-se e foi embora – A volta ao Arinos – Conclusões

Por J. A. ZATIAMARE

Entendemos que nos perguntava (por gestos) se vinhamos do Arinos. Respondemos que sim. Depois, virando-se, primeiramente na direção do Arinos, repetiu um sinal com os dedos, significando que os cauchores eram muitos. Virando-se também para o Juruema, repetiu a mesma coisa. Ouvimos distintamente as palavras nadobá, apichá. Pareceu-nos ouvir outras palavras semelhantes e pareci, mas no momento é impossível positivar qualquer coisa.

TRAZIA TAQUARAS
CHEIAS DE SANGUE

Deu a entender também que era
pajá, porque apontando para
o céu, afirmou alguma coisa de-
sí. Então, também eu, repetindo
a gesto, disse que era padre, u-
sando a palavra «Muito», e logo
a portuguesa «padre». Nisto colo-
quei o braço no ombro do José
que trazia a tatuagem calabri-
disse em tupi e português
«eu é tupi e português
eunhados, irmãos. Ixí o mesmo
com os outros dois. Ele repetiu
palavras: «irmãos». Então José fa-
lou: «vou levar essa faca para e-
les. Aproximou-se com a faca na
mão, com o cabo virado contra
o índio. Aproximamo-nos também
os tres. Maurício, por minha or-
dem, ficou cuidando do cachorro.
A conversa se tornou mais intimista.
José começou a examinar as fle-
chas, que o índio levantou de
cima. O festão das flechas era no-
ja conhecido. Só nos chamou
atenção o fato de trazer fagocita-
chelas de sangue.

Trazia uma penca de colares. Um era da contas brancas da porcelana, misturada com contínhas pretas de fumc, que eles mesmo fazem. Apontando as contas de porcelana, deu a entender que queria mais. Foi então buscado o colar, um do fantasia outro de contas pretas e vermelhas. Gostou malo do de fantasia. Deixou também um pente. Ficou visivelmente satisfeita. Repetiu duas vezes, com leve inclinação, a palavra chibzabai. Tinha o cabelo cortado, pareceu que com uma lâmina, e de qualques jeitos. Trazia uma tapagem nova e fibras do buriti, em forma de ventral. Tinha enrolado na chitura um fio fino de algodão. Tinha outro fio nos pulsos e tornozelos. Era um poteço alto, forte e muscular. Parecia ter alguma mistura de sangue civilizado.

This high-contrast, black-and-white photograph depicts a large, irregularly shaped object, likely a piece of debris or damaged material, resting on a surface. The object's surface is highly textured, showing signs of significant physical damage, such as crumpling and bending. Bright, reflective highlights are scattered across its surface, particularly along the edges and in some of the deeper folds. The background is dark and appears to be a textured wall or floor, which provides a stark contrast to the lighter, damaged object. The overall composition is somewhat abstract due to the high contrast, focusing on the form and texture of the central subject.

Você, índio canoceiro. Hoje amigo do Padr

pesar da calma aparente, vnu-se que estara fortemente emociona-do, porque o coração batia com rapidez.

VIROU-SE E
FOI EMBORA

Acero momento comeci a fa-

Dalar dos seringueiros.
Disse que não tirasse os canecos que estão no pé das seringueiras, explicando tudo com gestos de mimicaria. Disse também que não matasse nossa gente. E te disse: anão. Vou essa palavera em português e sempre direi: to..

No momento em que ful buscou um machado, disse na sua linguagem João Alferes que já ia, e voltaria de tarde. José não entendeu as palavras, mas só o sentiu, porque quando falava, apontou o ponto do sol das quatro e cinco horas, e fez sinal de volta.

Em seguida virou-se e se foi mundo por entre as árvores.

Era a véspera de S. Inácio de Loiola, padroeiro da turma voluntaria da padroeira dos Canoetistas Colocamos nossas redes, armámos os demais colas em posição de impressionar, caso de repente, não parecessem os índios e para garantir mais segurança de nossas

A VOLTA AO ARINOS

No dia seguinte voltámos. Pousamos ainda numa noite que foi de forte trângulo. O vento soprava em todos os cantos do mundo. No dia seguinte, pegamos o caminho do Arinos, associando com a nossa sensão que os índios tinham colocado no ponto em que o caminho atravessa o cerrado.

Não fomos andado uma hora quando o echorro rosnou. Chac meio-atenção, pensando fazê-lo sem risco, quando reparou que se afastava de um churrasco que estava no meio do caminho. Seguimos. Outro churrasco, um tanto assado, envolvido em folhas verdes e com um lato de embrião

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Class.: 01

Data: entre junho e agosto de 1959

Pg.:



(XI DE UMA SÉRIE)

A FALA COM O CURANDEIRO

Na noite de Diamantino, escreve o P. João Dornstauder, às 13,30 horas de 20 de setembro de 1957, rumo ao Juruena, para falar

segunda vez com os índios canoeiros. Acompanhavam-me dois

índios mansos: Frederico e Lino, parcei e iranche, respectivamente.

No dia 20 de novembro pisavamos o misterioso território daqueles índios. Encontramos uma picadinha que ia ficando cada vez mais larga... Fomos andando... Avistamos sua casa., Frederico e Lino nervosos com as armas na mão. Um momento de deliberação... Saí da porta um índio, figura clara-vermelhada, que se destacava nitidamente dentro da mata. Olhou vagamente pelo caminho, mas não nos viu, porque estávamos escondidos um pouco. Firmou a faca que trazia na mão, cortou umas folhas, e entrou no caminho lateral, provavelmente o da roga. Tive a impressão de que era o velho com que tínhamos falado na última vez. Quis gritar, mas a indecisão e a dúvida dos companheiros me-o impediram. O índio se sumiu e nós continuamos. Ouvimos uma voz: "chirritá". Frederico achou que significava: "ai vem gente". Assimim à porta um velho nervoso, desajeitado, curioso e com um chapéu e uma camisa suja no corpo. Sentei como a um conhecido. Convidou-nos a entrar. Depois de um cerimonial, onde quase nos perdemos, nos fez sentar. Sem mais, foi mostrando uma rasgão na manga da camisa e a falta de um botão na mesma. Remediamos tudo. Aprendeu e admiraram o uso da lona e da agulha. Ofereceu-nos uma faca e mais algumas coisas. Por todas as suas atitudes achoi que se tratava de um curandeiro da tribo.

PARECIAM SINAIS DE CHUMBO

Estava ainda conversando com o velho, quando entrou um moço canoero. Pele alva e igual (embora molestada por motucas e piuns), cabelo cortado rente à testa e o resto caído livremente para trás; embira amarrada no tornozelo, braço, joelho, pulso e enormes colares enrolavam-lhe o pescoço. Trajava ainda uma tanga de folha de buriti, segura com fio de algodão. Apresentava grande sinal no nariz e tinha um olho sempre fechado. Parecia sinal de chumbo... Rio muitas vezes, mas sempre mostrou certa seriedade. Teria vindo como doente ou como aprendiz de curandeiro. Depois de bastante conversa, tomei-o pelo braço e saí andando em direção ao Juruena. Quando percebi minha intenção de levar até aquele rio, parou e disse que não ia, porque o Juruena era longe. Nas últimas palavras de despedida, quando procurava deixar a melhor impressão psicológica, com grande surpresa minha, convidaram-me para a festa

do milho, que seria dia a duas luas. Alegrei-me, prometi que voltava e parti. No dia 10 de novembro, debaixo de pesada chuva, chegava a Utiariti,

OLÁ, NABÓ, AQUI PADRE

Era plano meu sair de Utiariti no dia 7 de janeiro de 1958, para atender ao convite dos Canoeiros de assistir à festa do milho, mas só nos foi possível sair dois dias depois. Acompanhavam-me dessa vez um civilizado, o Mário Medeiros, de Porto Alegre; 2 Ianches, 2 Cafabis, 1 Nhamiquara e 1 Parcei.

No dia 30, encontramos sinais recentes de passagem dos índios. O caminho sempre mais batido... Rastos num corregozinho e água ainda turva... Comiam frutinhas... Pés de menina... Eu ia na frente... Cautela... Roça do milho com uma parte já colhida (festa) e a maior parte ainda por quebrar. Dois caminhos: um para cima e outro para o Arinos, mais batido. Tomamos o segundo. Ouvimos bater de machado, mas nos enganamos, porque quem

OS INDIOS CANOEIROS CONVIDAM O JESUITA PARA A FESTA DO MILHO

A FALA COM O CURANDEIRO. — PARECIAM SINAIS DE CHUMBO. — "OLÁ, NABÓ, AQUI PADRE"! — A ÍNDIA ENSINA A DANÇAR. — "CANOEIRO BOM!, SERINGUEIRO BOM!". — UM PONTO DE INTERROGAÇÃO NA ALMA DO CANOEIRO

Por J. A. ZATIAMARE



Waigma, canoero, tocando a flauta de guerra, para o Padre ouvir.

bacia era um pilão. O caminho alargou e apareceu um tapiri

lhas. A mais nova ainda tinha os lábios pintados com genipapo, sem que isto a desfigurasse. Enquanto eu ia conversando, ela olhava desfazendo para os mogos que vieram comigo. Estes não a encaravam, mas a ouviam vividos para o lado. Percebendo que sua conversa nos interessava vivamente, sorriu muitas vezes, como quem desempenha satisfeita seu papel, sempre procurando a atenção sobre si e tornar-se cada vez mais interessante.

A ÍNDIA ENSINA A DANÇAR. — Voltando, ao assunto da festa, pôs-se a dançar. Tomou umas flautas, encheu a boca de ar e mostrou aos mogos como se podia tocar. E os mogos passaram vergonha. A mulher procurando salvar a situação, ensinou-lhes a tocar. De vez em quando corria para dentro e voltava trazendo chicha para nós em caneco de seringueiro.

Era agindo e explicando "que a festa do milho já havia passado e tinha durado dois dias. Os homens eram muitos (para contar) e gastou todos os dedos da mão e depois passou para os dos pés) e que atualmente estavam nas aldeias de Arinos". Perguntou-nos se fomos dormir. Respondemos que não "porque precisávamos falar com os homens. Pediu-me uma senha da pacificação (pequena cruz vermelha em fundo branco) que dei explicando que devia acenar num encontro com o civilizado. Ainda nos ofereceu beijo e

Para mudar de assunto, peguei um sabugo de milho ali no chão e lhe dei a entender que estava com fome. Ela entrou e voltou trazendo um mingau de milho que me ofereceu. Aceitei e agradeci, como vi fazer o velho na outra vez. Entrou de novo e trouxe um beijo tostadinho, de farinha de milho. Lembrava uma torta feita de ovos. Agradeci e reparti entre meus "irmãos". Ainda trouxe castanhas, dando a entender que as havia em grande abundância. Abrimo-las com canivete e facão, o que lhe causou grande admiração. Pegou de um trapo que estava dependendo num cabresto do rancho e se sumiu para dentro. Quando voltou, vinha acompanhada de outra mulher, que poderia ser sua mãe. Muito mais alta, calma, e embucada no pano que a outra havia levado para dentro. Ficaram sentadas decentemente numa tora de fianeira, que servia de banco. O cabelo era como de homens: raspado na frente e caído o resto para trás. Ambaras tinham um traço fino; partindo do canto dos olhos e seguindo em direção às ore-

UM PONTO DE INTERROGAÇÃO NA ALMA DO CANOEIRO

No dia seguinte, sábado, houve missa com pouca assistência. Estava marcada para domingo a partida de uma turma de seringueiros para as estradas. Mas por ser domingo, foi deferida para o dia seguinte, segunda-feira. Foi o começo da tragédia. No meio da bebedeira, surgiu uma dissensão entre José Mineiro e outro seringueiro. Sentado à porta do depósito de minha bagagem, vi José Mineiro passar correndo perto de mim. Ouvi tiro de revólver. Olhei para a direção de onde vinha e julguei que era dirigido contra mim. Mas as balas foram se cravando no corpo de um infeliz. Encarei o assassino e pedi: «Por amor de Deus! Não faça isto, Osvaldo». Seu olhar feroz deu a entender que não me metesse. Procurou balear também a esposa do ferido, mas os outros o impediram. Entrou em cena um segundo inimigo da vilíssima que acabou de matar. Dei-lhe a absolvição e fechei-lhe os olhos.

Os índios Canoeiros não presenciaram o fato, porque os outros não deixaram. Depois foram ver a sepultura. Um ponto de interrogação na alma do Canoeiro...

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: _____

Class.: 01

Data: entre junho e agosto de 1959

Pg.: _____



(12.º da Série)

SÓ O PADRE FOI TESTEMUNHA

Comprindo o prometido, a 9 de novembro de 1958, padre João Dornstauder, com sua turma, atinge novamente as aldeias dos índios Canoeiros. Chegando à aldeia de União, chefe político e muito respeitado entre aqueles índios, o padre encontra um novo inimigo: tremenda gripe derrojava os índios, matando-os aqui e ali. Aí, ele estava magro e raspara os cabelos. Sua mulher, deitada na rede, esperava a morte para fazer companhia à sua filha, já enterrada, ali ao lado, dentro mesmo da cabana.

Apresenta-se um índio dizendo que sua mulher morreu e o filho já há quatro dias não recebe alimento. Mais uma dor e um caso angustioso para o missionário. Para completar a desolação, chega Uadema, todo enteado de penas, trazendo seu sobrinho. Vêm da aldeia vizinha, onde a gripe já matou quatro índios.

Cai a primeira noite sobre a aldeia. Gritos, tosses, clamor, choro de criança reverzam-se com os roncos e uivos dos animais na mata. Logo ao dia seguinte os homens se refazem para outra aldeia. Ficam os doentes e o padre. A desolação é geral. As mulheres faltas de alimentação não trabalham. Os homens por causa dos acontecimentos não caem. Entre eles, o missionário, faltó de recursos, assiste os acontecimentos. Terminadas as últimas injeções o padre procura explicar o batismo a uma índia mais afetada pela doença. Descansa um pouco. Nisto é chamado pelo único índio presente, para constatar que a índia morreu. As mulheres erguem o côrilo solene das lamentações, secundadas pelo homem em tom diferente. Hora crítica para o padre...

ENTERRA UMA CRIANÇA VIVA

Tubarasta solta a rede de um lado e pede que eu segure o cadáver para não cair. Solta a rede do outro lado. Enrola com ela o cadáver. Colocam por cima o vestido que eu tinha dado à vadia. Acrescento ainda mais a flâmula da pacificação que eu trazia sempre ao pescoço. Pedem-me para fazer a cova. Chamo Tubarasta para indicar como deveria fazer. Devidem enterrar a velha ao lado da cova ainda fresca da filha. Traça o Canoeiro uma eletrusférula no chão e comece a afogar a terra com um machado. Mas como está cansado, doente e tossindo, eu mesmo continuo a cavar. Em quatro horas eu e Voca, que me veio ajudar, terminamos a sepultura. Isto é que se chama um enterro!... Compreendo melhor o "pulvis es" e o "reverteris"... Deixaram-me fazer quase tudo, não sei por que; talvez por deferência... Então acontece o imprevisto.

Quando já começam a pôr terra na cova, chega Tubarasta com a criancinha Órfã. Sua mãe está enterrada ali ao lado, faz cinco dias. Tubarasta põe a criança na cova... Entendo o que querem:

enterrar a criança viva! Exijo que retirem a criança. Peço água. Dão-me água e ficam na expectativa. Batizo a criança e tenho mais doçaria. Procuro fazer que desistam do intento. Tubarasta procura explicar-se. A língua é desconhecida quase por completo. Não entendo o principal. Penso que vão poupar a criança. Tubarasta toma-a, criança outra vez e a oloca de novo pegada ao cadáver, jogá-lhe terra por cima, com as duas mãos e pisa...

Ainda teria podido intervir mas deixo de o fazer por não ver possibilidade de salvar a criança. O ato da parte do Canoeiro, a julgar pelo seu comportamento, é uma coisa natural e em uso na tribo. O motivo não é crueldade, mas a impossibilidade de outra salvação. Não ajudo mais no enterro. Percebam que eu não concordo com o ato e admiram-se. Morrer é para o Canoeiro uma coisa natural. Morrer "mesmo" é que o apavora. Acha tudo bom. Encara a morte com calma, no momento em que ela se torna inevitável. A sobrevivência o consola. Acha que os mortos interferem na nossa vida...

PADRE JOÃO DORNSTAUDER ESTREITA O LAÇO DA PAZ COM OS ÍNDIOS CANOEIROS

SÓ O PADRE FOI TESTEMUNHA - ENTERRA UMA CRIANÇA VIVA - ÍNDIO CANOEIRO FOI VER A CIDADE DOS BRANCOS - COM TREZE ANOS O ÍNDIO CANOEIRO JÁ É HERÓI!

Por J. A. ZATIAMARE

INDÍO CANOEIRO FOI VER A CIDADE DOS BRANCOS

De volta desta expedição, o padre João trouxe quatro índios Canoeiros que queriam ver a cidade. Ainda antes de chegar à gleba Arinos, a Colonização gaúcha, um índio foi mordido por cobra venenosa. Os companheiros logo o desenganaram. O padre porém, com uma injeção anti-veneno deu-lhes a esperança de salvamento. Deixou o doente na gleba Arinos. De fato não morreu. Mais uma vez o padre João se beneficia dos favores dos gaúchos, que colonizam o norte de Mato Grosso. Continuam a viagem em caminhão de seringueiro. Numa parada um seringueiro brinca. Arranca os colares de um índio Canoeiro ainda menino e o ameaça de morte. O coitado acredita. Foge para o mato. Em vão o chamam e o procuram. O companheiro não quis saber de ir pelo rastro do fugitivo. Vaima queria ver a cidade dos civilizados. Não houve remédio senão continuar viagem. Gostou de Diamantino. Ficou mesmo entusiasmado, apesar do lugarejo não passar de uma dúzia de casas. O nome de cidade sempre impressiona. Resolveram procurar o fugitivo. Fizeram um dia de caminhão e dois a pé até encontrar o rastro do menino. Avistaram-no ao longe. A medida que se aproximavam, chaunavam-no. Voltouse, viu o pessoal e continuou a caminhar. Grillaram-lhe que o padre João estava ali e o seu companheiro também. Mostrou e com gesto cansado sua terra natal, dizendo: "ai Canoeiro bom!" Sentou-se. Apoiou a cabeça entre as mãos. Ao chegarem os que o procuravam, levantou a cabeça e quase a chorar, mostrou os pés inchados e feridos de tanto caminhar. Trazia só uma garrafinha com água. Foi carregado até o caminhão, onde ficou contente de ver o padre João e Vaima. Em Diamantino o Canoeirinho fez impressão. Andava livre na casa dos padres e não mexia em nada.



Representantes de duas tribos inimigas: Irandeuas e Canoeiros.

Estes índios Canoeiros não comem das nossas comidas de jeito algum. Alimentam-se de milho verde, amendoim, mel e castanha do Pará, gafanhoto ou qualquer bicho que lhes caia nas mãos. Estando os padres no refeitório, passou por ali um dêles e sentou-se numa cadeira. Como chegasse um padre, levantou-se e ofereceu a cadeira. É de admirar isto num índio que nada conhece da civilização. De fato, entre estes índios vigora um regime de amor e educação. Os meninos são os que devem carregar o dia inteiro o peso. No fim do dia os homens perguntam se estão cansados. Os meninos têm que responder que não, pois do contrário não poderão tornar-se homens. Entre eles ainda vale o código da honra e do respeito...

COM TREZE ANOS O ÍNDIO CANOEIRO JÁ É UM HERÓI

DEPOIS de satisfeitos o desejo dos Canoeiros de ver Cuiabá, que para eles é um sonho, padre João voltou aos Canoeiros para encontrar-se com turmas novas. Vaima é o guia que é o guia que mostra o território ao padre. Voca, como não tinha família, e por ser pequeno, com apenas 13 anos, segue para Utiariti, pôsto missionário dos padres jesuítas, onde devia continuar a se civilizar. Seu gênio bom e inteligente fez logo amizade entre os indiozinhos da escola. Infelizmente apareceu no pôsto missionário os primeiros sintomas de paralisia infantil. Mais uma vez o telegrafo jurou guardar silêncio, em memória de Rondon e assim mais uma vez o pôsto missionário se encontrava isolado da civilização. Deu-se um jeito mesmo assim morreram dois indiozinhos. Voca estranhou muito a novidade. Sentiu muito a morte dos dois colegas, que eram índios Caiabis, e muito seus amigos.

Uma tarde, foi buscar parte de uma carga do barco a motor do padre João. Lá, sumiu-se nos mato. O Irmão, depois de chamar em vão, resolveu voltar para casa. Em casa logo desconfiaram que o menino queria fugir. Correram ao porto. Quando chegaram, o barco já não estava e o cadeado tinha sido arrumado. Honrando o nome do canoeiro, o menino enfrentou sózinho as águas do rio Papagaio. Os conhecedores do rio deram-no logo por morto. Civilizado, alguém ousaria enfrentar sózinho o rio selvagem. Para o menino canoeiro, não havia novidade. Poucos dias depois chegou notícia que em Porto Feliz, a 60 quilômetros abaixo, os seringueiros recolheram o barco e prenderam o menino. Foi-se logo a procura. Quando chegaram a Porto Feliz, souberam que o menino tinha fugido de novo com uma canoa dos seringueiros, em direção à sua terra. Mais quatrocentos quilômetros de água. Será que chegou? Morreu de fome? Foi preso por índios bravos da região? São capítulos de um romance ainda por se escrever.

Logo chegou à Utiariti a primeira leva de índios Canoeiros. Viera por outros caminhos, com o padre João, Vinham para ver o pôsto missionário e outros para ficar, até se abrir novo pôsto de assistência dentro do seu território. A tribo dos Canoeiros, de quem nem Rondon falou, mostrou-se ativa e feroz no encontro com os brancos. Hoje todo seu território está pacificado e aberto à civilização. Os seringueiros trabalham em paz e as firmas medidoras de terra voltam novamente. Mais uma vez a cruz do missionário venceu. Fica-nos ainda toda a história da tribo para ser estudada: Sua língua, costumes e todo o seu reino habitat, um pedaço do inferno verde, limitado pelos rios Iruena, Arinos e Sangue.



Os canoeiros foram ver as cidades dos brancos.

CEDI

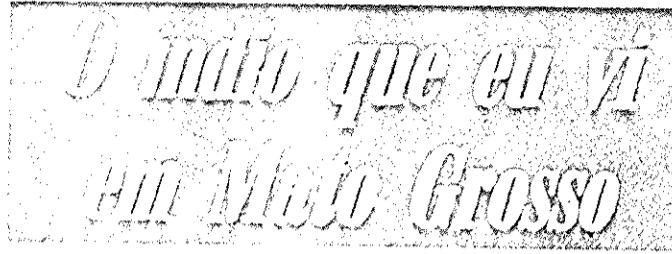
Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Class.: 01

Data: entre junho e agosto / 1959

Pg.:



A ALMA É IMORTAL

O ÍNDIO brasileiro sempre acreditou e defendeu a existência e a imortalidade da alma. Provam-no peremptoriamente, tanto o costume vigente entre muitas tribos de colocar na sepultura do morto armas e comida, necessárias à subsistência da alma no além, como o de outras Amazônicas e do Baixo Tocantins, de enterrar o morto dentro da própria casa, para serem visitados de noite pelas almas daqueles a quem amaram na vida.

Argumento de inteligência e sentimento, o que atribui à realidade da sobrevivência da alma um valor alto, vivido e intrinsecamente ligado à vida da tribo.

O índio Xumana, pensando residir na medula dos ossos a alma humana, queima os ossos do chefe falecido e bebe em grandes festins os seus restos, na convicção de assim abrigar a alma do seu grande chefe.

A índia chavante, em tempos permitivos, coula o filho morto, para possuir de novo a alma do seu rebento.

O Apinagé nega a imortalidade da alma, dizendo que depois de certo tempo ela morre com uma dor no lado esquerdo.

O CÉU DO ÍNDIO BRASILEIRO

O índio tupi prega uma vida futura, cheia de gozo e de prazer para o justo, que cumpre os preceitos de Tepã. O céu tupi é um lugar encantador, cheio de flores e onde correm rios maravilhosos. Vira para além das montanhas azuis (costa austral do Brasil). No céu a alma vive em banquetes com seus maiores. Para aportar a essas montanhas, o espírito tinha de atravessar grandes países inimigos. Os apapocuvas, guaraus e os chiriguanos possuem "páginas" magistrais a respeito do caminho que leva ao céu. O Guarajú, por exemplo, diz que uma das principais preocupações na demarcação do além, é não deixar se apagar o fogo que leva acesso nas palhas postas antes no seu túmulo, pelos patrícios.

O Chipaí que se apresenta no céu tem um colar de dentes humanos, é recebido a golpes de pau. Ao morrer um chefe Guairacá, alguns sibutós vão lhe servir de companhia na viagem ao além.

O céu mundurucú é o «céu», campo sem fina com a cheia no meio, para abrigar o mundurucú morto. No céu a alma não morre mais, e se presta de alguma coisa vem à terra em forma de trovão.

O botocudo diz que logo depois da morte a alma vai gozar da presença do sol. O calor do sol não lhe faz mal, por que a lera, deus favorita ao botocudo, neutraliza seu calor. Na presença do sol, não há mais tristeza ou privação e está segura dos inimigos.

Algumas tribos do Amazonas enfeiam os inimigos na convicção de assim morrer, temerá um lugar cheio de delícias e passatempos.

Para o Bororo, depois da mor-

te, a alma (o aroe) vai habitar as aldeias das almas, das quais uma está no extremo ocidente e a presidente o herói Bakororo. A alma cheira a estas aldeias depois de vinte dias, tempo dos funeralários. Durante o sono a tam (Nlakó), do índio parece se afasta do seu dono e sai andando por aí. Abandona definitivamente na morte e sobe ao céu, levando seis dias para chegar lá e onde encontra os Paresis mais velhos. No céu a alma é recebida pelos quatro irmãos Novim, encarregado de saudar os que chegam. Teoria quase idêntica têm os bacairis.

«As sombras dos bacairis mortos vão para o céu, junto dos antepassados.»

O céu ainda não é a região do futuro, mas do passado, os antigos ainda primeiros Bacairis estão lá, no lugar inicial de toda história. O céu em que viveram os primeiros Bacairis, estava situado outrora ao lado da terra, e de lá facilmente se passava para cá. Mas a mortalidade lá era demasiado grande, pelo que os habitantes transmigraram para a terra, e o céu subiu para as alturas, onde hoje se encontra, e onde ainda hoje se podem ver os animais, os insetos e os objetos de que falam as histórias antigas.

O apinagé dogmatiza que a alma nem vai para o céu nem para debaixo da terra. A alma simplesmente continua a vagar onde vivera e fôra enterrada. A diferença está na maneira como a morte encontrou cada um. Assim por exemplo, o assassinado vagueia solitário com medo dos outros e é feio por causa das feridas que recebera quando foi assassinado.

EXISTE O "INFERNO"?

O ÍNDIO tupi ensina que aquele que segue os conselhos de Anhangá (espírito mal), vivendo torpemente aqui na terra, tem, depois de morrer, uma vida

aqui na terra, tem, depois de morrer, uma vida

(17.º de uma série)
O ÍNDIO BRASILEIRO CRÊ NA EXISTÊNCIA DO ALEM-TÚMULO

A ALMA É IMORTAL - O CÉU DO ÍNDIO BRASILEIRO - EXISTE O "INFERNO"? - A METEMPSICOSE DA ALMA - UM ÍNDIO VISITA O ALEM-TÚMULO E VOLTA TRAZENDO NOTÍCIA DE LÁ - UM TUPARI CHEGA AO OUTRO MUNDO

Por J. A. ZATIAMARE



A alma do morto precisa ainda de arma e comida.

cheia de aflições e angústias. É proscrito das montanhas azuis e vive como anatematizado nos desertos secos e áridos e se refugia no covil da fera. O Mundurucú defende a idéia de que, depois da morte, o espírito não é castigado e não há lugar destinado para isso.

Não há penas para os maus na outra ida, afirma categoricamente o índio Apinagé.

A METEMPSICOSE

O ÍNDIO Kalgang defende a tese de que a única diferença entre uma alma e uma pessoa viva, está no grito. Os vivos gritam demoradamente: "Huuu" e a alma grita num instante: "hup". Quando morre um velho kalngang, torna-se novamente moço e vive mais uma vez outra vida huma-

na. Ao morrer segunda vez o velho transforma-se em mosquito ou numa formiga preta. Desaparecendo esse mosquito ou essa formiga, o kaingang volta ao nada. A criança cresce no tunnlo como se fosse viva e tem depois o mesmo destino do velho.

O camacan não negava a vida futura, mas admitia a metempsicose da alma. Afirma que o espírito passa para outros corpos análogos a índole e hábitos primitivos do morto. Por exemplo: se em vida um camacan era benévolo, plácido e fiel, depois da morte toma o corpo de aves e quadrúpedes de idêntica condição; se pelo contrário, era maligno, passa para corpos de animais ferozes.

O espírito mundurucú, às vezes, desce à terra de noite e se transforma em matim tapirera, para caçar. Por isso, quando seouve de noite um canto de ave distorcido e maligno, já se sabe, é o espírito mundurucú transformado em matim tapirera.

A alma bororó, depois de habitar determinado tempo nas aldeias das almas, se transforma em animais.

A alma do homem nhambiquara vira onça depois que morre e a da mulher se evapora no ar.

Para o apinagé se transforma em troncos de árvores ou termitas (cupins).

UM TUPARI-CHEGA AO OUTRO MUNDO

QUANDO um índio tupari morre, a menina dos seus olhos se transforma no Pabid, alma, que sozinha no céu por sobre o lombo de dois jacarés e duas cobras. O céu é a beira de um lindo rio, e se chama Mani-Mani. O morto vai com os olhos fechados, e sómente os pajés vêm o jacaré. Ao chegar ao Mani-Mani, dois vermes comem-lhe as entranhas, e Pabid, cujo sangue é de vermelho, pinga-lhe pimenta nos olhos, que é para o Pabid poder ver.



Nas horas de luto, a natureza é a confidente do índio.

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: _____ Class.: _____

Data: agosto de 1959

Pg.: _____



(18.º e último de uma série)

ONDE O CAMINHÃO NAVEGA
A MOTOR DE PÓPA

TERMINANDO a série dos artigos sobre «índio que eu vi em Mato Grosso», posmos esta última reportagem sobre Utariti, centro de aculturação dos índios. O cubano diz: «No fim do mundo existe um monte, à beira deste monte passa um rio e à margem deste rio está Cutabá». «Aqui acrescentamos, no fim do mundo, quase ao chegar à lagoa, à beira do rio está Utariti, paraíso dos índios.

Vamos sair de Diamantino duzentos quilômetros, além de Cuiabá, ao norte. Temos pela frente mais quatrocentos quilômetros até o posto. Atrás do Mercedes-Benz, que nem mais côr tem, dentro do coração e de tudo, corre-se uma leve corrente de matas. Adeus mundo... Entramos no chapadão infinito dos parreis. Padre Edgar Schmidt superior da missão no ver a enorme carga de caixotes, na maioria presentes de amigos e por cima de tudo um barco a motor, como boné gaúcho pilhado: «Desta vez o Mercedes vai navegar a motor de popa!» A brincadeira veio em má hora. O sertão está uma lagoa amarela. O chofer dirige no puro rumo: só vê lama. Onde se lembra que há um atoleiro, pára e desce e enfa a perna no atoleiro e rindo diz: passa... E vamos nos mergulhos...

ONDE SE PEGA TATU DO
TAMANHO DE TRÊS DIAS

Mas acabou a sorte. O caminhão "senta"; as quatro rodas somem na lama. Chegou a hora do "tatu", o atoleiro. Heja "chicão". Três macacos a comer pelo de "sete léguas" vão empurrar três dias seguidos o caminhão através do barreiro. Parece outra pílharia. Na hora

da comida o arroz vem bem amarelinho. O índio explica as datas desapareceram e a água vazou. Cozinhel com a água do atoleiro! Que remédio!! Ali o chofer e passageiros fazem das tripas motor, se quizerem chegar. E, precisam chegar.

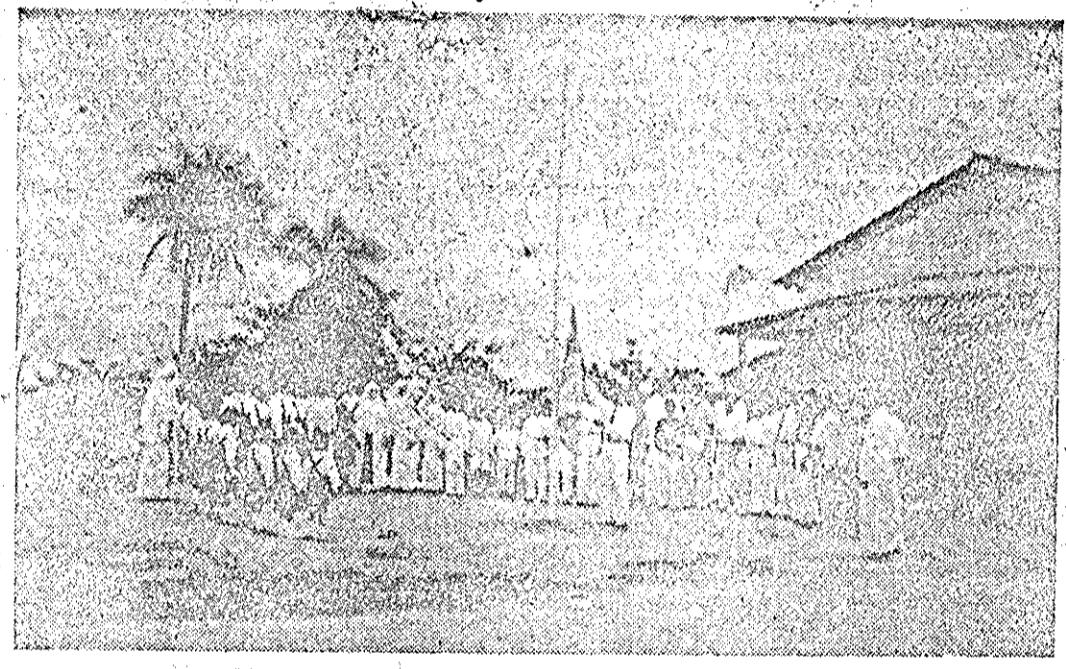
UTARITI ACULTURAÇÃO

Rondon a conselho dos índios, chamou o salto do rio Paraguai: Utariti — se quisesse ser feliz. E foi. Os jesuítas só se radicarem ali, também sonhavam com um paraíso. E o

Além da cortina das matas estão o paraíso dos índios: Utariti!

ONDE O CAMINHÃO NAVEGA A MOTOR DE PÓPA — ONDE SE PEGA TATU DO TAMANHO DE TRÊS DIAS — UTARITI: ACULTURAÇÃO

A. J. ZATIAMARE

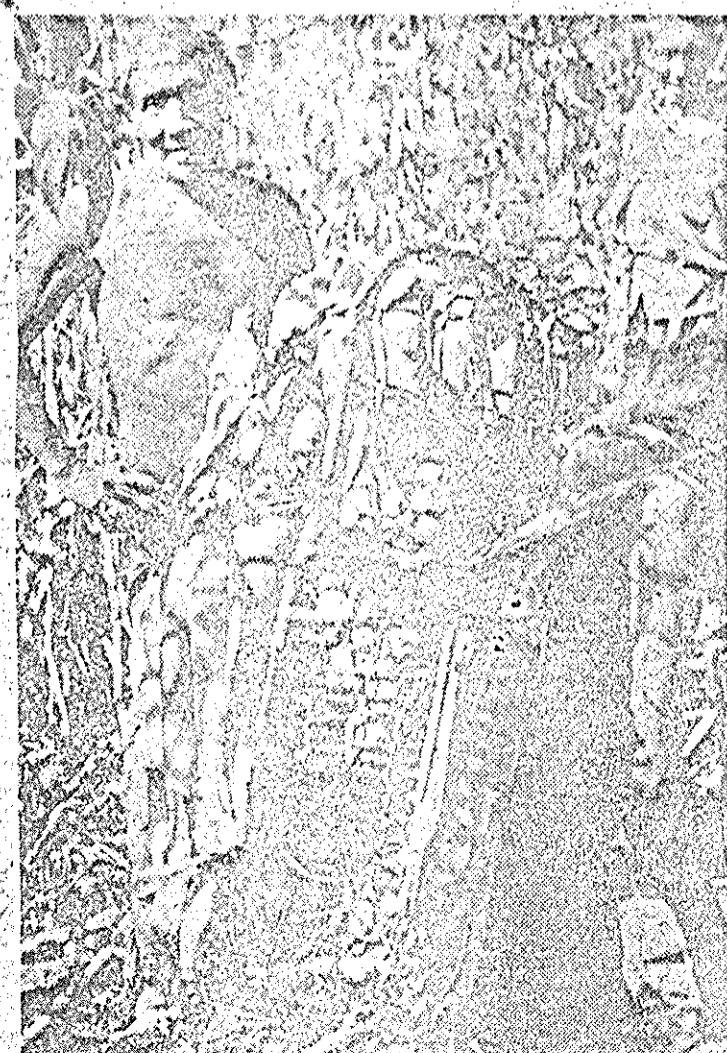


Duas integrações: na Igreja e na Pátria.

milagre sucedeu. A vila missionária atrai como imã as tribus errantes. Quando a comida fai-

ta, quando a doença castiga, quando a nostalgia opõe e quando encurralada, pelo progresso, o nativo brasileiro corre a Utariti. E, a calma soberana do plauso infinito e o espelho calmo e cristalino do rio são quebrados pelo ritmo de trabalho e alegria de uma centena de índios, na maioria crianças. Horário certo para missa, trabalho, escola, catequese e comida, faz pouco a pouco, o índio, um ser civilização cristão e brasileiro. Ali o índio agradece o ter nascido mais filho do Brasil do que nós. Pensos leitores, o que se precisa lá no fim do mundo, para chegar a tanto! Onde comprar rou-

pa para tantos seres que a não conhece onde ferramenta para tantos braços, remédio e comida — porque a terra pau-perrima só dá bem mandioca e cana. Tudo o que se faz ali hoje devemos à generosidade de anônimos que querem merecer o nome de brasileiros e cristãos. Agora, mais salientes destes infelizes, vieram pedir um lugar para alvar as suas vidas e também a alma. O coração do Missionário aperta-se e, se estende os braços aos brasileiros da mata é porque sabe que ainda lá Brasil, gente que se honra de ser brasileira e quer salvar sua alma.



Crianças indias vestiram-se de anjos, para a primeira comunhão!

Aqueles que quiserem ajudar os missionários da Missão Anchileta de Diamantino, com ofertas em dinheiro, ferramentas e outros artigos, compartilhando da eterna gratidão dos índios, missionários e da Pátria. Poderão dirigir-se em Porto Alegre ao Pe. Líbano Steffen no Colégio Anchileta ou na Igreja São José. Em São Leopoldo, ao mesmo padre, no Colégio Cristo Rei.



REPRESENTANTES:
Z. L. STEINER & CIA.
R. SICURRA CAMPOS, 126
PORTO ALEGRE

Canta a RÁDIO FARROUPILHA

Ondas curtas — 19 metros — 15.335 kcs.
19 metros — 15.335 kcs.
Onda média — 600 kcs.

O sorriso bom deste índio, espera a luz da fé e da civilização.

Milho verde para animar a festa carregado num "chirl".